RBGDR

EPISTEMOLOGIAS DA FLORESTA: PROTAGONISMO FEMININO E A DESCOLONIZAÇÃO DA CIÊNCIA NA AMAZÔNIA

FOREST EPISTEMOLOGIES: WOMEN'S SCIENTIFIC AGENCY AND THE DECOLONIZATION OF SCIENCE IN THE AMAZON

RBGDR

REVISTA BRASILEIRA DE GESTÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
V.22, N°4, Edição Especial 2026 | Taubaté/SP - Brasil | ISSN 1809-239x

EPISTEMOLOGIAS DA FLORESTA: PROTAGONISMO FEMININO E A DESCOLONIZAÇÃO DA CIÊNCIA NA AMAZÔNIA

FOREST EPISTEMOLOGIES: WOMEN'S SCIENTIFIC AGENCY AND THE DECOLONIZATION OF SCIENCE IN THE AMAZON

Rossicléa Ferreira do Nascimento[1] | Josué de Lima Carvalho[2]
Vanusa do Carmo Souza de Freitas[3] | Ana Margarida Santiago[4]
Ynis Cristine de Santana Martins Lino Ferreira[5]

Recebimento: 17/02/2026
Aceite: 11/07/2026

[1] Doutoranda em Administração (UNAMA).
Belém-PA, Brasil,
Email: rossinascimento@gmail.com

[2] Doutorando em (UNAMA).
Professor da Universidade Federal Rural da Amazônia.
Paragominas-PA, Brasil.
Email: josue.carvalho@ufra.edu.br

[3] Doutoranda em Administração (UNAMA).
Ministério da Defesa – Aeronáutica. Belém-PA, Brasil,
Email: vanusasouza2@hotmail.com

[4] Doutora em Administração (UNAMA).
Professora da Universidade Federal Rural da Amazônia.
Paragominas-PA, Brasil.
Email: anamargos@yahoo.com.br

[5] Doutora em Administração (UNAMA).
Professora Universidade Federal Rural da Amazônia.
Belém-PA, Brasil.
Email: ynis.cristine@ufra.ed

RESUMO

O artigo analisou, em perspectiva comparativa, os mecanismos que estruturam a visibilidade, a liderança, a circulação e o reconhecimento em trajetórias científicas femininas consolidadas na Amazônia. Sustentou-se que a produção científica regional é territorializada e atravessada por assimetrias materiais e simbólicas, nas quais regimes de validação e avaliação operam como infraestruturas de reconhecimento. O referencial articulou território e desenvolvimento regional, crítica decolonial, Epistemologias do Sul, feminismo decolonial e barreiras microinstitucionais associadas ao teto de vidro. Metodologicamente, realizou-se um estudo de caso múltiplo comparativo, estruturado em uma matriz 2 × 2, com amostragem intencional e lógica de replicação analítica. Foram utilizados dados públicos do Currículo Lattes e um corpus de publicações submetido a procedimentos de curadoria, análise documental das trajetórias, bibliometria descritiva e mineração de texto, mediante nuvens de palavras, TF-IDF, análise de componentes principais e clusterização exploratória. Também foram empregados indicadores sintéticos de territorialização, internacionalização e liderança, analisados por meio de estatísticas descritivas. Os resultados evidenciaram um núcleo temático amazônico compartilhado e assinaturas lexicais diferenciadas, indicando que o protagonismo científico feminino na região se organiza como uma constelação de agendas relacionadas à educação e à linguagem, à governança e ao desenho institucional, bem como aos sistemas produtivos e à sustentabilidade. Os indicadores revelaram configurações distintas entre territorialização, internacionalização e liderança, mostrando que, nos casos analisados, agendas territorializadas coexistiram de maneira heterogênea com a circulação científica ampliada e a centralidade institucional. Concluiu-se que as epistemologias da floresta não designam apenas temas relacionados à Amazônia, mas também as condições, relações de poder e disputas por meio das quais o conhecimento é produzido, legitimado e reconhecido em um território periférico do Sul Global.

Palavras-chave: Amazônia; colonialidade epistêmica; protagonismo feminino.

ABSTRACT

This article comparatively analyzed the mechanisms shaping visibility, leadership, circulation, and recognition in the established scientific careers of women working in the Amazon. It argued that scientific production in the region is territorially grounded and shaped by material and symbolic asymmetries, within which validation and assessment regimes operate as infrastructures of recognition. The theoretical framework integrated territory and regional development, decolonial critique, Epistemologies of the South, decolonial feminism, and microinstitutional barriers associated with the glass ceiling. Methodologically, the research adopted a comparative multiple-case design structured as a 2 × 2 matrix, using purposive sampling and an analytical replication logic. Public data from the Lattes CV Platform and a curated corpus of publications were examined through documentary career analysis, descriptive bibliometrics, and text mining using word clouds, TF-IDF, principal component analysis, and exploratory clustering. Composite indicators of territorialization, internationalization, and leadership were also examined through descriptive statistics. The results revealed a shared Amazon-oriented thematic core alongside distinct lexical signatures, indicating that women's scientific agency in the region is organized as a constellation of research agendas related to education and language, governance and institutional design, and productive systems and sustainability. The indicators revealed distinct configurations of territorialization, internationalization, and leadership, showing that, across the cases examined, territorially grounded agendas coexisted in heterogeneous ways with broader scientific circulation and institutional centrality. The study concluded that forest epistemologies refer not only to Amazon-related research topics but also to the conditions, power relations, and disputes through which knowledge is produced, legitimized, and recognized in a peripheral territory of the Global South.

Keywords: Amazon; epistemic coloniality; women's scientific agency.

INTRODUÇÃO

A produção científica na Amazônia é estruturada por assimetrias de infraestrutura, financiamento, conectividade e regimes de visibilidade que condicionam agendas, parcerias e circulação do conhecimento. Nessa perspectiva, a região foi tratada como "espaço usado", isto é, como resultado histórico da articulação entre técnica, tempo e organização social, permitindo compreender a ciência como dimensão material e simbólica da produção do espaço (Santos, 1996). Ao deslocar a Amazônia do estatuto de "fronteira" para território estratégico em disputa, leituras geopolíticas ressaltaram que universidades, redes e trajetórias acadêmicas integram um campo de forças que conforma futuros regionais e padrões de validação do saber (Becker, 2005).

Esse enquadramento exigiu uma noção de desenvolvimento regional capaz de integrar sustentabilidade, inclusão e capacidades institucionais. Abordagens multidimensionais articularam desenvolvimento a dimensões sociais, ambientais e institucionais, enquanto a perspectiva das capacidades permitiu compreender "impacto social" para além de métricas produtivistas. Nesse quadro, gênero, educação e comunicação pública tornam-se dimensões centrais, pois reorientam

expectativas coletivas, ampliam cultura científica e influenciam a circulação do trabalho acadêmico em ecossistemas periféricos.

A crítica decolonial e as Epistemologias do Sul forneceram um vocabulário para compreender a ciência amazônica como produção situada que disputa pertinência, autoria e enunciação (Quijano, 2000; Santos, 2014). Evidências recentes também indicaram que regimes de avaliação e circulação científica podem reforçar hierarquias linguísticas e editoriais, ampliando a centralidade de periódicos em inglês e pressionando pesquisadores do Sul Global a atravessar fronteiras editoriais. Assim, desigualdades não podem ser explicadas apenas por atributos individuais; torna-se necessário identificar mecanismos que articulem colonialidade epistêmica e regimes de validação, barreiras microinstitucionais e padrões concretos de trajetória, redes e circulação acadêmica.

Diante desse problema, o objetivo deste artigo foi analisar, em perspectiva comparativa, os mecanismos que estruturam visibilidade, liderança, circulação e reconhecimento em trajetórias científicas femininas consolidadas na Amazônia, articulando condições macroestruturais (geopolítica do conhecimento e regimes de avaliação) e microinstitucionais (barreiras organizacionais e rotinas acadêmicas).

Foi nesse ponto que o artigo se concentrou: ao examinar o protagonismo científico feminino na Amazônia, o foco recaiu menos sobre “presença” e mais sobre os mecanismos que organizam visibilidade, liderança, circulação e reconhecimento em um território periférico do Sul Global. Desse modo, formulou-se a seguinte pergunta: como e por quais mecanismos trajetórias científicas femininas consolidadas na Amazônia combinam territorialização do conhecimento, liderança acadêmica e circulação ampliada sob condições simultaneamente macroestruturais e microinstitucionais?

Para responder, realizou-se um estudo de caso múltiplo comparativo, com amostragem intencional por relevância teórica e replicação analítica, buscando recorrências e variações de mecanismos entre casos. Selecionaram-se quatro pesquisadoras com atuação consolidada na Amazônia, organizadas em um desenho 2 × 2, estruturado por dois eixos: trajetória de formação e inserção territorial, distinguindo amazônidas de formação e pesquisadoras com inserção profissional posterior na região, e posicionamento disciplinar, diferenciando Administração e interdisciplinaridade com ênfase em Educação e Letras.

O artigo apresentou três contribuições. A primeira foi teórica, ao integrar território e desenvolvimento regional a uma crítica epistêmica que evidencia regimes de validação e circulação como infraestruturas simbólicas de reconhecimento. A segunda foi metodológica, ao combinar estudo de caso múltiplo com curadoria de dados e análise lexical/bibliométrica, assegurando auditabilidade e comparabilidade. A terceira foi empírica, ao descrever arranjos distintos de territorialização, liderança e circulação em trajetórias femininas amazônicas, contribuindo para debates sobre avaliação científica, equidade e desenvolvimento territorial. Na sequência, apresentam-se a metodologia, os resultados comparados e a discussão dos achados à luz do referencial adotado.

AMAZÔNIA COMO TERRITÓRIO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

A Amazônia, enquanto território de produção científica, constitui a própria condição da atividade de pesquisa. Infraestruturas, redes e regimes de visibilidade distribuem-se assimetricamente no espaço, modulando agendas e a circulação do conhecimento. Sob essa ótica, o desenvolvimento regional é tratado como um processo socioinstitucional voltado à formulação de capacidades locais e ao enfrentamento de desigualdades territorializadas. Fundamentando essa perspectiva, Santos (1996) define o território como "espaço usado", resultado da articulação entre técnica, tempo e organização social. O conceito de meio técnico-científico-informacional permite, assim, situar a ciência como dimensão material e simbólica da produção do espaço, onde a densidade institucional e a conectividade impactam diretamente o financiamento e o reconhecimento acadêmico.

Essa abordagem converte o "lugar" em variável analítica central (Santos, 1996), tese reforçada por Becker (2005) ao interpretar a Amazônia como um território geopolítico em disputa. Ao deslocar a região do estatuto de "fronteira" para o de espaço estratégico, a autora permite compreender universidades e trajetórias acadêmicas como componentes de um campo de forças que define futuros regionais. Logo, a atuação científica na região transcende itinerários individuais, inserindo-se em arranjos que condicionam padrões de cooperação e validação do saber (Becker, 2004; Oliveira et al., 2023).

A interpretação do desenvolvimento regional demanda, por conseguinte, um arcabouço capaz de integrar sustentabilidade e inclusão. Enquanto Sachs (2000) critica reducionismos economicistas em favor de uma estratégia que integre as dimensões social, ambiental e institucional, Sen (1999) define desenvolvimento como a expansão de liberdades e capacidades humanas. O acoplamento entre Sachs (2000) e Sen (1999) permite operacionalizar o "impacto social" como categoria rastreável em indicadores de trajetória, como orientações e parcerias, avaliando a contribuição científica para além de métricas produtivistas.

Evidências contemporâneas corroboram a centralidade de gênero, educação e comunicação pública como pilares desse desenvolvimento territorial. No contexto escolar amazônico, Sousa (2024) aponta que a valorização de trajetórias femininas é essencial para ampliar a cultura científica e a cidadania, convergindo com a expansão de capacidades de Sen (1999). Paralelamente, Costa, Barbosa e Lima (2024) demonstram que a comunicação da ciência via mídias digitais fortalece o ecossistema regional de inovação, enquanto Lima (2025) evidencia que intervenções educativas contra a invisibilidade feminina reorganizam expectativas locais de futuro.

No plano comunitário, o protagonismo e as resistências de mulheres indicam que o desenvolvimento é atravessado por relações de poder e identidade, vinculando a pesquisa a demandas territoriais concretas (Rolim; Silva; Brito, 2025). Por fim, Carvalho et al. (2025) ressaltam que a visibilidade do trabalho feminino é mediada por enquadramentos institucionais oscilantes. Este arcabouço articula a produção do espaço (Santos, 1996; Becker, 2004) ao desenvolvimento multidimensional (Sachs, 2000; Sen, 1999), sustentando que gênero, educação e comunicação operam como dimensões constitutivas e observáveis do desenvolvimento regional.

COLONIALIDADE EPISTÊMICA E TETO DE VIDRO NA CIÊNCIA

A crítica decolonial entende a colonialidade do poder como matriz histórica que articula classificação social, economia política e produção de saber, sustentando uma geopolítica do conhecimento na qual a racionalidade eurocentrada se universaliza e subalterniza saberes situados (Quijano, 2000). Nesse enquadramento, "modernidade" e "colonialidade" são constitutivas, e a desobediência epistêmica implica reorientar critérios de pertinência, autoria e enunciação, reposicionando quem pode teorizar e em que termos (Mignolo, 2009; 2011). As Epistemologias do Sul aprofundam essa chave ao defender que injustiça social e injustiça cognitiva são indissociáveis: ecologias de saberes e tradução intercultural tornam visíveis disputas por reconhecimento epistêmico que atravessam produção acadêmica e interfaces públicas (extensão, redes, formação) (Santos; Meneses, 2009; Santos, 2014). Esse conjunto permite ler a ciência amazônica não como variação local de agendas externas, mas como produção situada que disputa regimes de validação, circulação e impacto (Quijano, 2000; Mignolo, 2009; 2011; Santos; Meneses, 2009; Santos, 2014).

Evidências recentes indicam que tais disputas são reforçadas por regimes contemporâneos de avaliação e circulação científica, frequentemente dependentes de plataformas, rankings e normas linguísticas, que ampliam a centralidade de periódicos em inglês e pressionam ecossistemas editoriais não hegemônicos (Snijder; Kingsley, 2024). No plano editorial, a hierarquia não opera apenas "fora" do texto: ela é internalizada em expectativas de enquadramento, estilo de escrita e negociação de legitimidades epistêmicas quando pesquisadores do Sul Global publicam em periódicos do Norte Global (Naidu et al., 2024). Além disso, a concentração de poder decisório em conselhos editoriais de países de alta renda indica que o que conta como problema relevante e contribuição "publicável" segue desigualmente distribuído (Manan et al., 2023).

O feminismo decolonial desloca essa crítica para evidenciar que a legitimidade do conhecimento é também generificada e racializada: a colonialidade de gênero reorganiza trabalho, sexualidade e humanidade, produzindo hierarquias sobre quem pode falar, pesquisar e ser reconhecida como sujeito epistêmico (Lugones, 2007). Ao mesmo tempo, a crítica à categoria homogênea "mulheres do Terceiro Mundo" alerta para evitar universalismos que apaguem classe, raça e território (Mohanty, 1988). No caso brasileiro, estudos sobre bolsas de produtividade (PQ) do CNPq identificaram assimetrias

persistentes de prestígio e reconhecimento, com sub-representação feminina em estratos superiores e interseções com desigualdades raciais, reforçando a reprodução institucional dessas hierarquias (Cunha; Dimenstein; Dantas, 2021; Oliveira et al., 2021). Com isso, "trajetória" pode ser tratada menos como sequência individual e mais como conversão desigual de produção em capital acadêmico, mediada por gênero, raça e território (Cunha; Dimenstein; Dantas, 2021; Oliveira et al., 2021).

A literatura do teto de vidro descreve como regras formais de mérito coexistem com barreiras informais que se intensificam nos estratos superiores: tokenismo e dinâmicas de minoria numérica (Kanter, 1977), organizações generificadas e critérios "neutros" de competência/disponibilidade com pressupostos masculinos (Acker, 1990), barreiras crescentes no topo hierárquico (Cotter et al., 2001), vieses contra liderança feminina por incongruência de papéis (Eagly; Karau, 2002) e atribuição desigual de crédito científico (efeito Matilda) (Rossiter, 1993). Evidências empíricas mostram que a desigualdade não se limita ao acesso: inclui perdas de visibilidade, autoria e condições de produção; durante a pandemia, por exemplo, registrou-se queda relativa na participação de mulheres como autoras em canais de rápida circulação, sugerindo que choques institucionais amplificam assimetrias via cargas de cuidado e reconfigurações do tempo acadêmico (Muric; Lerman; Ferrara, 2021). No campo da comunicação científica, assimetrias de crédito e visibilidade também foram analisadas mobilizando explicitamente o efeito Matilda (Song et al., 2024). Esses mecanismos se conectam, ainda, a vieses nos próprios circuitos de avaliação: evidências experimentais indicam que o gênero da autoria afeta percepções de qualidade científica e o interesse em colaboração (Knobloch-Westerwick; Glynn; Huge, 2013), enquanto diferenças de autopromoção e reputação afetam reconhecimento e impacto, reforçando que visibilidade não decorre automaticamente de produção (Peng et al., 2025).

Nesse contexto, a "distopia" foi mobilizada como dispositivo crítico de análise, não como ornamento: ao exacerbar e tornar explícitas lógicas de dominação, permite identificar o que, no cotidiano institucional, é naturalizado como técnico, neutro ou inevitável. Assim, a articulação entre colonialidade epistêmica, feminismo decolonial e teto de vidro torna visíveis as mediações pelas quais regimes de validação, rotinas organizacionais e métricas convertem (ou bloqueiam) produção em reconhecimento (Acker, 1990; Cotter et al., 2001; Eagly; Karau, 2002; Rossiter, 1993).

METODOLOGIA

O estudo foi conduzido como estudo de caso múltiplo comparativo, com amostragem intencional por relevância teórica e lógica de replicação analítica, visando identificar recorrências e variações de mecanismos explicativos entre casos (Yin, 2018; Eisenhardt, 1989). Essa estratégia foi adequada para compreender trajetórias científicas femininas como fenômeno simultaneamente macroestrutural e microinstitucional, privilegiando consistência explicativa entre evidências, categorias e inferências, sem pretensão de generalização estatística.

A seleção dos casos seguiu critérios de densidade informacional e pertinência ao problema, conforme a amostragem por propósito (Patton, 2015). Foram incluídas quatro pesquisadoras com atuação consolidada na Amazônia, organizadas em um desenho comparativo 2 × 2. O primeiro eixo correspondeu à trajetória de formação e inserção territorial, distinguindo pesquisadoras amazônidas de formação, cuja socialização educacional e acadêmica ocorreu na região, de pesquisadoras que se inseriram profissionalmente na Amazônia em etapa posterior da carreira, já na condição de docentes. O segundo eixo correspondeu ao posicionamento disciplinar, diferenciando Administração e interdisciplinaridade, com ênfase em Educação e Letras. Para fins de classificação, a origem territorial considerou não apenas o local de nascimento, mas também a socialização territorial e o percurso formativo desenvolvido na Amazônia.

As evidências derivaram de fontes públicas documentais, com triangulação de dados e métodos. O Currículo Lattes foi tratado como documento estruturante para reconstituir trajetória acadêmica e institucional (produção bibliográfica, orientações, projetos, vínculos e participações), ao passo que, em paralelo, foi constituído um corpus de publicações (títulos, resumos e palavras-chave, quando disponíveis) para análises bibliométricas e lexicais.

A construção do corpus ocorreu em etapas de curadoria e padronização: consolidação em base única, desambiguação de autoria, normalização institucional e tratamento de duplicidades (por DOI quando existente e, alternativamente, por combinação título/ano). O material textual foi normalizado (padronização ortográfica, remoção de ruídos e stopwords, harmonização de termos equivalentes), mantendo-se versões “originais” e “limpas” para auditoria. Também se elaborou um vocabulário auxiliar de termos territoriais/marcadores amazônicos para operacionalizar medidas de

territorialização e regras explícitas para distinguir “Amazônia como objeto central” de “Amazônia como recorte ilustrativo”, com registro das decisões analíticas.

Os indicadores sintéticos de territorialização, internacionalização e liderança foram construídos por atribuição de escores interpretativos, em escala contínua de 0 a 1, fundamentados na leitura integral dos quatro Currículos Lattes e do corpus de publicações. A atribuição não decorreu de fórmula algorítmica, mas de julgamento fundamentado do pesquisador (expert judgment), procedimento coerente com a natureza interpretativa do estudo de caso múltiplo e com a lógica de generalização analítica adotada (Yin, 2018; Patton, 2015). Para disciplinar esse julgamento e assegurar auditabilidade, cada dimensão foi ancorada em descritores observáveis, definidos previamente em rubrica analítica: territorialização, aferida pela presença da Amazônia como objeto central da produção, pela recorrência de marcadores territoriais e pelo vínculo de projetos e orientações a demandas regionais; internacionalização, aferida por formação e estágios no exterior, coautorias e redes internacionais e publicações em veículos estrangeiros e em outros idiomas; e liderança, aferida pelo exercício de cargos de gestão acadêmica, coordenação de programas e projetos, liderança de grupos de pesquisa e bolsa de produtividade. Os escores foram atribuídos após leituras sucessivas dos currículos, com registro das evidências que sustentaram cada valor, e posteriormente triangulados com os resultados lexicais e bibliométricos, verificando-se a convergência entre o julgamento interpretativo e os padrões observados no corpus.

As análises foram organizadas em duas camadas integradas. A primeira, bibliométrica e descritiva, examinou o volume e a distribuição temporal da produção, os tipos de documentos, os canais de publicação e a evolução das trajetórias, em consonância com práticas de bibliometria e mapeamento científico (Zupic; Čater, 2015; Donthu et al., 2021). A segunda empregou mineração de texto, mediante frequências lexicais, nuvens de palavras, termos distintivos por TF-IDF, análise de componentes principais e clusterização exploratória, com a finalidade de identificar convergências e diferenciações temáticas entre os casos. Os resultados quantitativos foram interpretados em articulação com as informações documentais das trajetórias e com as categorias do referencial teórico, seguindo a lógica de generalização analítica, sem extrapolação populacional.

A etapa qualitativa consistiu em análise documental das trajetórias, orientada por categorias derivadas do referencial teórico — colonialidade epistêmica e regimes de validação e visibilidade, bem como barreiras microinstitucionais associadas ao teto de vidro e às organizações generificadas —, com registro de especificidades territoriais emergentes da leitura dos currículos, em consonância com princípios da análise de conteúdo (Bardin, 2016; Krippendorff, 2018; Neuendorf, 2017). A análise foi realizada por um único pesquisador, com registro sistemático das decisões analíticas e releituras sucessivas para controle de consistência.

Para reduzir vieses de seleção e assegurar rastreabilidade, adotou-se registro sistemático das decisões de inclusão, exclusão e curadoria documental, com datas, fontes e justificativas, disponível para auditoria. A integração dos resultados foi conduzida por triangulação interpretativa entre as evidências quantitativas (bibliometria, mineração de texto e índices) e as evidências documentais das trajetórias, buscando convergências, complementaridades e tensões interpretativas (Creswell; Plano Clark, 2018). A interpretação seguiu a lógica de generalização analítica, sustentando proposições sobre mecanismos que estruturam trajetórias científicas femininas em territórios periféricos do Sul Global, sem extrapolação populacional.

Quanto ao rigor, o estudo apoiou-se em triangulação de fontes e métodos e em procedimentos de auditabilidade (registro de decisões analíticas, versões do corpus, dicionários e regras de codificação), em diálogo com parâmetros clássicos de credibilidade, confirmabilidade e dependabilidade. No plano ético, o estudo limitou-se a dados publicamente disponíveis, adotando descrição responsável, evitando inferências pessoais não sustentadas e reconhecendo limitações associadas à incompletude do Lattes, à heterogeneidade de metadados e às assimetrias de visibilidade pública entre instituições e regiões. A identificação nominal das pesquisadoras decorre da própria natureza do desenho, que analisa trajetórias públicas consolidadas cujo reconhecimento constitui o objeto do estudo; a anonimização inviabilizaria a verificação independente das evidências documentais.

RESULTADOS

TRILHAS DE LIDERANÇA E TERRITORIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA AMAZÔNIA

O estudo adotou amostragem intencional por relevância teórica para examinar como diferentes trajetórias de formação e inserção territorial e distintos posicionamentos disciplinares se associaram aos padrões observados de produção de conhecimento sobre a Amazônia, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 | Professoras investigadas.

Grupo	Administração (Foco Gestão)	Interdisciplinar / Educação / Letras
Amazônida	Profa. Dra. Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos (UNAMA)	Profa. Dra. Nilsa Brito Ribeiro (Unifesspa)
Migrante	Profa. Dra. Mariluce Paes de Souza (UNIR)	Profa. Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2026).

Nota: A classificação “amazônida” não foi definida exclusivamente pelo local de nascimento, mas pela socialização territorial e pelo percurso formativo desenvolvido na Amazônia. Nilsa Brito Ribeiro, embora nascida na Bahia, realizou sua formação acadêmica no estado do Pará, razão pela qual foi classificada, assim como Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos, como amazônida de formação. Mariluce Paes de Souza e Tânia Suely Azevedo Brasileiro foram inseridas no grupo migrante por terem ingressado profissionalmente na região em etapa posterior de suas trajetórias, já na condição de docentes.

Antes das análises bibliométricas e lexicais, os resultados apoiaram-se em uma cartografia de percurso destinada a descrever o posicionamento das docentes na organização da vida científica amazônica. A leitura comparada dos currículos evidenciou um padrão estruturante: continuidade institucional combinada a mobilidade estratégica. A trajetória de Tânia Brasileiro mostra consolidação na UNIR e, após redistribuição em 2012, liderança em expansão territorial na UFOPA, como professora titular e articuladora de redes de pós-graduação. Em paralelo, Ana Maria Vasconcellos apresenta

forte ancoragem na UNAMA, com inserção decisiva na gestão acadêmica (Pró-Reitoria de Pós-Graduação desde 2014) e na consolidação do PPAD. Nilsa Brito Ribeiro exemplifica a interiorização científica: a experiência de gestão no campus de Marabá (UFPA) nos anos 1990 e a posterior consolidação na UNIFESSPA evidenciam a interdependência entre carreira acadêmica e dinâmicas territoriais regionais. Já Mariluce Paes de Souza (UNIR) reúne alta senioridade, reconhecida por bolsa de produtividade do CNPq, e presença contínua em funções de coordenação e articulação institucional.

Esses percursos revelam circuitos de circulação multiescalares que conectam instituições amazônicas a centros externos sem dissolver a centralidade regional do trabalho. Isso aparece, por exemplo, nas colaborações de Mariluce Paes de Souza com a Universidade de Michigan e a USP, bem como na formação doutoral internacional de Ana Maria Vasconcellos (University of Wales Swansea), cuja convalidação no NAEA/UFPA expressa a lógica de "formação externa com ancoragem amazônica". A interseção direta entre essas redes, exemplificada pela participação de Mariluce Paes de Souza em projetos liderados por Ana Maria Vasconcellos, indica que a conexão entre os casos (UNAMA–UNIR) não se limita à similaridade de perfil, mas configura colaboração efetiva.

Do ponto de vista teórico, essas trajetórias convergem para posições que a literatura sobre gênero e ciência reconhece como nodos de visibilidade e legitimação (coordenações de PPGs, pró-reitorias e lideranças de grupos), operando como instâncias de mediação do reconhecimento e regulação simbólica do mérito. Ao mesmo tempo, a heterogeneidade das ecologias institucionais, entre arranjos público-federais e privado-metropolitanos, oferece contraste analítico para testar se mecanismos de colonialidade epistêmica e barreiras microinstitucionais associadas ao "teto de vidro" emergem de modo recorrente ou variam conforme campo disciplinar e posição hierárquica (Quijano, 2000; Santos, 2014; Cotter et al., 2001).

A circulação qualificada combinada à ancoragem institucional sugere uma ciência situada e uma interdisciplinaridade praticada, cujas infraestruturas de produção permanecem intrinsecamente ligadas ao território (Santos, 1996; Becker, 2004). Na sequência, apresentam-se os resultados da avaliação bibliométrica, relacionando produção, indicadores de territorialização, internacionalização e liderança.

TERRITORIALIZAÇÃO, CIRCULAÇÃO E LIDERANÇA NAS TRAJETÓRIAS CIENTÍFICAS AMAZÔNICAS

As nuvens de palavras, apresentadas na Figura 1, não provam causalidade, nem substituem a leitura qualitativa dos textos, mas funcionam como rastreamento exploratório das agendas, permitindo identificar a recorrência de temas, objetos e marcadores territoriais em cada trajetória. Os padrões lexicais foram posteriormente interpretados em articulação com as evidências bibliométricas, institucionais e de carreira. Esse uso é coerente com a proposta de tratar os currículos e seus rastros textuais como evidência de regimes de validação e circulação, que podem ser lidos à luz de colonialidade epistêmica, feminismo decolonial e barreiras microinstitucionais.

Figura 1 | Nuvens de palavras das publicações das quatro pesquisadoras.



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2026).

Para Tânia Suely Azevedo Brasileiro, predominam termos diretamente associados à Amazônia e à produção situada (“amazonia”, “educacao”, “ensino”, “professores”, “escolar”), além de marcadores territoriais e institucionais (“paraense”, “Santarém”, “ufopa”) e conexões com saúde e cultura. Esse padrão é compatível com uma leitura de desenvolvimento regional como processo social e institucional, no qual a ciência se vincula a capacidades locais, formação e redes, e não apenas a resultados econômicos (Sachs, 2000; Sen, 1999). O conjunto sugere uma agenda que combina território, educação e práticas institucionais, em convergência com a ideia de que o “lugar” estrutura oportunidades e prioridades de pesquisa e condiciona redes e circulação (Santos, 1996).

Para Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos, a nuvem é dominada por termos ligados à administração e às políticas públicas (“administracao”, “social”, “desenvolvimento”, “local”, “trabalho”, “programa”, “parceria”, “política”, “governanca”), com marcação de “belem”. A presença de termos em inglês, como “development”, “policy” e “state”, indica a incorporação de vocabulário internacionalizado ao corpus. Isoladamente, contudo, esse resultado lexical não permite inferir maior circulação internacional, devendo ser interpretado em conjunto com os indicadores de idioma, canais de publicação e cooperação institucional. A centralidade de “local” e “desenvolvimento” mantém aderência ao eixo amazônico, porém com ênfase em governança, ação coletiva e desenho institucional, coerente com ecologias acadêmico-institucionais metropolitanas e redes de maior centralidade.

No caso de Nilsa Brito Ribeiro, a nuvem enfatiza “discurso”, “comunicacao”, “sentidos”, “producao”, “formacao”, “práticas”, “leitura”, com presença de “maraba” e “amazonia”. Aqui, a territorialização desloca-se do eixo econômico para linguagem e mediação simbólica, o que é particularmente relevante ao argumento decolonial: a colonialidade opera também por regimes de significação que legitimam narrativas e silenciam outras, inclusive na periferia interna amazônica (Quijano, 2000; Santos, 2014). Assim, uma agenda centrada em discurso e comunicação constitui evidência privilegiada para observar como o saber é produzido, traduzido e validado.

Quanto a Mariluce Paes de Souza, destacam-se “amazonia”, “rondonia”, “desenvolvimento”, “sustentavel”, “governanca”, “cadeia”, “produtivo”, “municipio”, “agricultura”, “agronegocio”, “recursos”, “cooperativa”, “sistemas”. Trata-se de uma agenda territorializada voltada à economia política regional, sistemas produtivos e sustentabilidade, convergindo com a noção de desenvolvimento

multidimensional e com a leitura da Amazônia como território de disputas e projetos de região (Sachs, 2000; Santos, 1996). Aqui, o território aparece como objeto e problema, e não apenas como cenário.

Em conjunto, as nuvens indicam que a Amazônia constitui eixo recorrente da produção analisada, articulado a especializações disciplinares distintas e a diferentes formas de abordar dimensões do desenvolvimento regional. Tânia e Nilsa apresentam maior recorrência de termos relacionados à educação, à formação e às mediações simbólicas; Ana Maria concentra vocabulário associado à governança, à gestão e ao desenho institucional; e Mariluce apresenta maior presença de termos ligados aos sistemas produtivos, às cadeias regionais e à sustentabilidade. Os resultados reforçam a compreensão do desenvolvimento regional como fenômeno multidimensional, embora não permitam mensurar, isoladamente, o impacto social produzido por essas agendas (Sachs, 2000; Sen, 1999).

Um ponto interpretativo relevante é que termos explicitamente associados a gênero e feminismo não ocuparam posição central nas nuvens. Esse resultado não permite concluir pela ausência da dimensão de gênero nas trajetórias ou nas agendas analisadas, indicando apenas que tais marcadores não foram lexicalmente dominantes no corpus. À luz do feminismo decolonial, o achado abre uma hipótese interpretativa sobre a forma como agendas científicas são organizadas por linguagens disciplinares e regimes acadêmicos de validação, hipótese que não foi testada diretamente pelos procedimentos lexicais empregados (Lugones, 2007; Mohanty, 1988; Santos, 2014). Essa leitura se alinha à colonialidade de gênero, na medida em que o sistema moderno/colonial define não apenas quem é sujeito epistêmico, mas quais problemas são reconhecidos como "ciência" e quais tendem a ser rebaixados a "militância" ou "tema secundário" (Lugones, 2007).

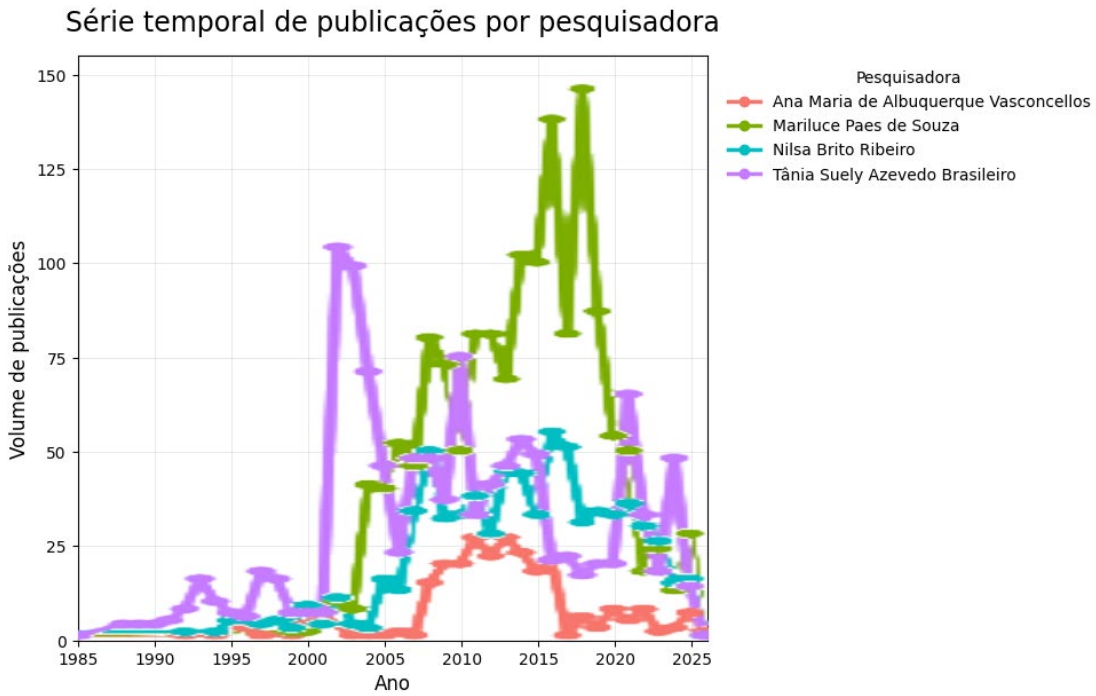
Ao mesmo tempo, o feminismo decolonial alerta para que a territorialização não seja lida como neutralidade: termos como "Amazônia", "município", "comunidade", "trabalho" e "educação" carregam disputas de poder e de enunciação. Se o risco, em Mohanty (1988), é homogeneizar sujeitos subalternizados, as nuvens aqui sugerem pluralidade de entradas e gramáticas disciplinares, reforçando a necessidade de tratar produção e trajetória como lócus situado, sem reduzir a experiência amazônica feminina a uma categoria única (Mohanty, 1988).

A literatura do teto de vidro e das organizações generificadas reforça que carreiras não avançam apenas por produtividade, mas por acesso a redes, cargos e circuitos de credenciamento que operam como filtros invisíveis (Acker, 1990; Cotter et al., 2001). Nesse sentido, termos como “programa”, “parceria”, “governanca”, “seminario”, “campus” e marcadores institucionais não são apenas contexto: sinalizam ecologias de carreira nas quais a visibilidade é produzida e disputada.

O contraste entre nuvens e referencial sustenta, de forma preliminar, uma convergência: as agendas são territorializadas, mas sua circulação e legitimação dependem de infraestruturas institucionais e redes que podem reproduzir assimetrias de gênero e centro-periferia. A crítica decolonial permite problematizar as hierarquias globais que diferenciam centros autorizados a teorizar e periferias frequentemente tratadas como fornecedoras de casos. A literatura sobre teto de vidro oferece uma lente para interpretar possíveis barreiras internas produzidas sob regras aparentemente neutras, enquanto o feminismo decolonial evidencia que regimes de reconhecimento podem ser generificados, racializados e territorializados (Quijano, 2000; Santos, 2014; Lugones, 2007; Acker, 1990; Cotter et al., 2001).

A série temporal de publicações, apresentada na Figura 2, permitiu identificar períodos de crescimento, estabilidade e oscilação da produção das quatro pesquisadoras. A associação desses períodos às etapas de ingresso, consolidação e liderança foi realizada mediante triangulação com os marcos profissionais registrados nos currículos, e não exclusivamente com base no volume anual de publicações. Por transparência metodológica, os registros situados em anos incompatíveis com as trajetórias foram tratados como ruídos de extração e excluídos da análise.

Figura 2 | Distribuição temporal das publicações das quatro pesquisadoras.



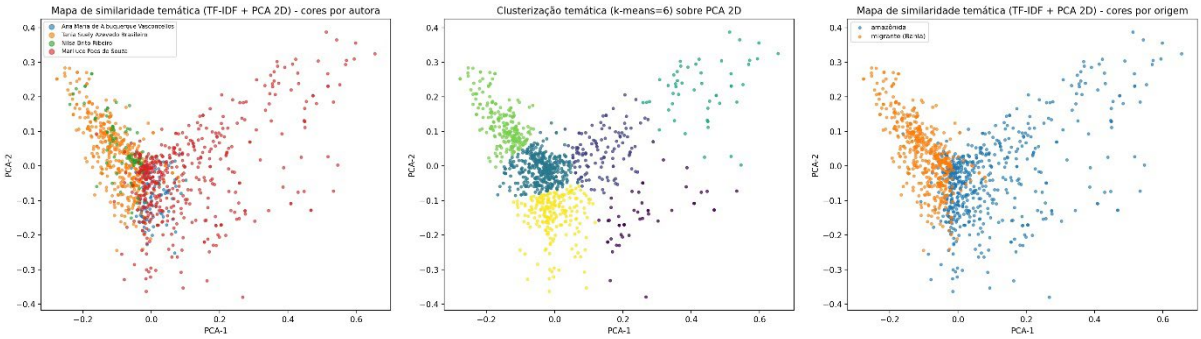
Nota: foram removidos da visualização registros com anos incompatíveis com as trajetórias analisadas.

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2026).

A série evidenciou que a produção não se distribuiu linearmente ao longo do tempo, apresentando períodos de crescimento, estabilidade e oscilação. Esses movimentos foram interpretados em articulação com os marcos profissionais registrados nos currículos e com a literatura sobre avaliação e circulação científica. A figura, isoladamente, não permitiu identificar barreiras de gênero nem estabelecer relações causais entre volume de produção, liderança e mecanismos microinstitucionais.

A análise de similaridade temática, operacionalizada por vetorização TF IDF do corpus textual e redução de dimensionalidade via PCA em dois componentes, permitiu observar a estrutura relacional do espaço temático das publicações e, sobretudo, testar se a diferenciação entre trajetórias aparece como padrão recorrente no desenho comparativo do estudo. Na Figura 3, cada ponto representa um registro do corpus analisado, projetado em um plano em que distâncias indicam maior ou menor proximidade lexical, sem que se atribua significado substantivo direto aos eixos PCA 1 e PCA 2.

Figura 3 | Projeção dos registros do corpus em dois componentes principais (PCA), por autora e por agrupamento k-means.

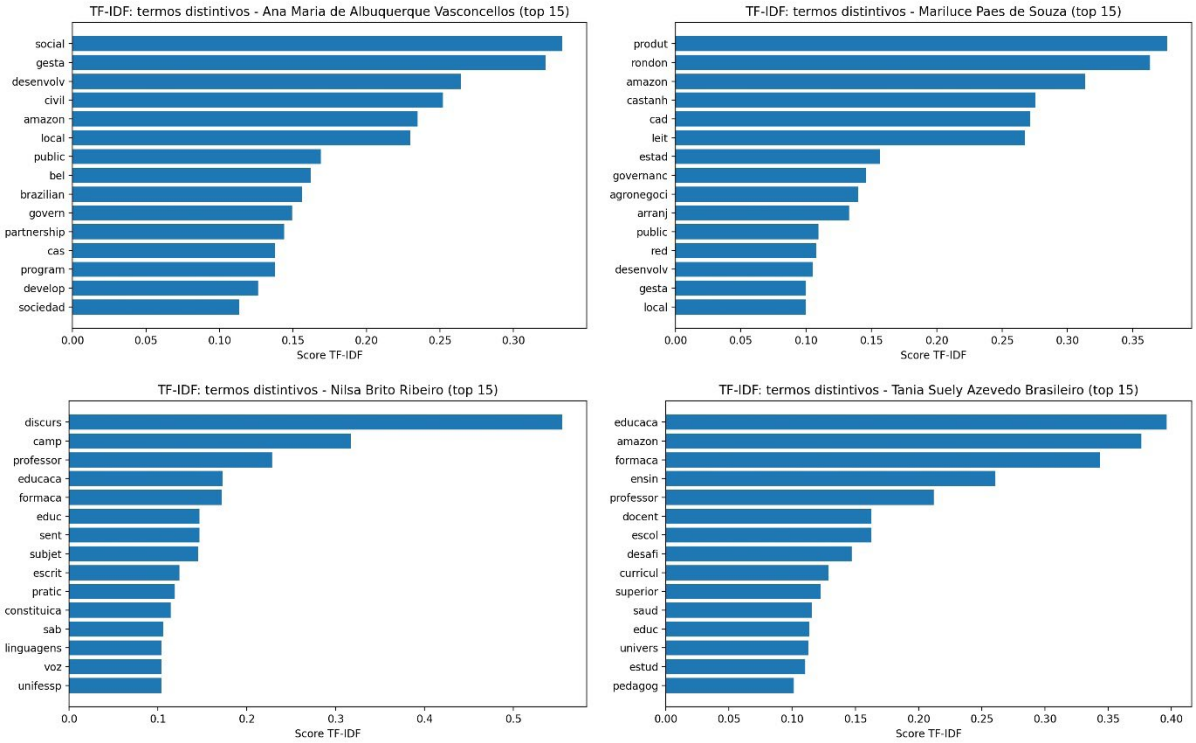


Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2026).

O mapa por autora evidenciou um núcleo de sobreposição próximo à origem, indicando uma base vocabular parcialmente compartilhada entre as quatro pesquisadoras. Ao mesmo tempo, a dispersão não foi homogênea. Os registros de Mariluce Paes de Souza apresentaram maior dispersão no plano formado pelos dois componentes, indicando maior heterogeneidade lexical no espaço bidimensional representado. Tânia Suely Azevedo Brasileiro e Nilsa Brito Ribeiro apresentaram maior concentração em uma região à esquerda do plano e expressiva sobreposição, indicando recorrência de vocabulário compartilhado em parte de suas publicações. Os registros de Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos concentraram-se de maneira mais acentuada na região de interseção entre os diferentes conjuntos documentais.

A solução exploratória de clusterização apresentada no painel central da Figura 3, com k-means igual a 6, definido em caráter exploratório, identificou seis agrupamentos de proximidade lexical. Esses agrupamentos não foram interpretados como temas substantivos fechados, mas como partições exploratórias do espaço vocabular. Observaram-se agrupamentos compartilhados e outros com maior concentração de registros associados a determinadas trajetórias. O resultado mostrou-se compatível com a lógica de replicação analítica, ao revelar simultaneamente convergências e diferenciações entre os casos, sem reduzir o fenômeno a um retrato biográfico. A Figura 4 apresenta os resultados da análise de TF-IDF.

Figura 4 | Termos distintivos por autora segundo a análise TF-IDF.



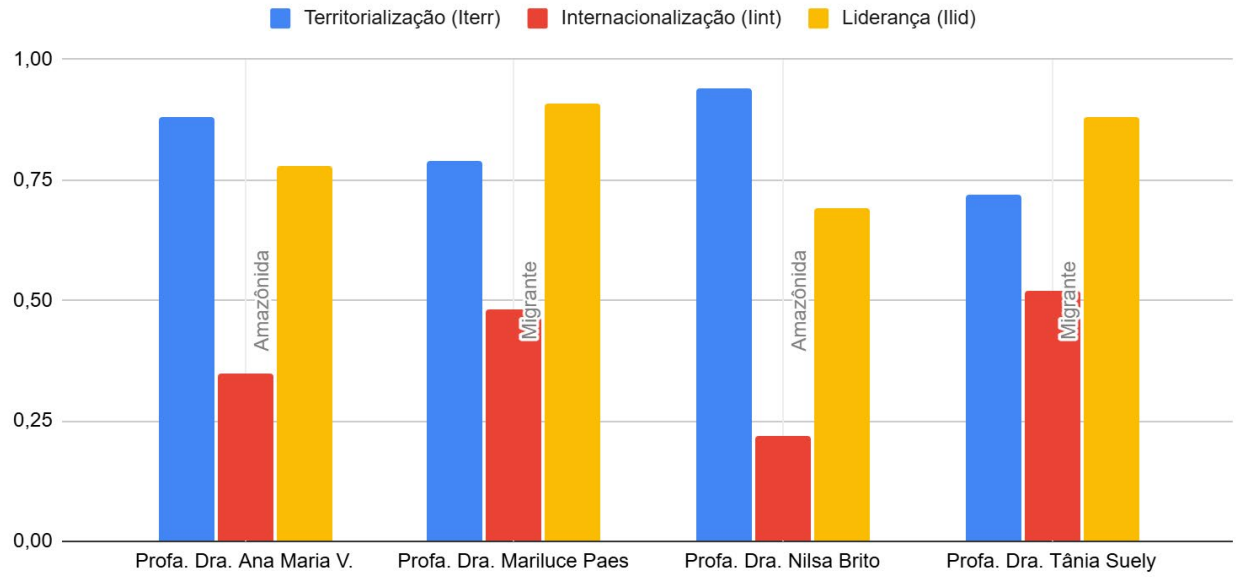
Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2026).

Tomadas em conjunto, as Figuras 3 e 4 produzem um achado integrador: existe um núcleo temático compartilhado que sustenta a comparabilidade entre casos, mas há assinaturas lexicais suficientemente distintas para indicar que o protagonismo científico feminino na Amazônia não se expressa por um perfil temático único.

Ele se organiza como conjunto plural de agendas que variam entre governança e gestão pública, cadeias produtivas e redes, e educação, linguagem e formação, mantendo, em diferentes intensidades, a territorialidade amazônica como referência substantiva. Esse padrão é teoricamente congruente com a articulação proposta no artigo: a colonialidade epistêmica atua como matriz de validação e hierarquização do conhecimento produzido na periferia (Quijano, 2000; Mignolo, 2011; Santos, 2014); o feminismo decolonial permite ler essas agendas como ciência situada e generificada, atravessada por disputas de enunciação e reconhecimento (Lugones, 2007; Mohanty, 1988); e a literatura sobre teto de vidro oferece uma lente para problematizar como regimes de visibilidade e avaliação podem operar no cotidiano institucional, modulando autoria, liderança e credenciamento (Acker, 1990; Cotter et al., 2001).

O painel de indicadores (Figura 5) consolida, em três dimensões, padrões que já vinham sendo sugeridos pelas nuvens de palavras e pela leitura preliminar de carreira. Em termos empíricos, a figura mostra uma assimetria clara entre (i) territorialização, entendida como marcação explícita de Amazônia e de objetos amazônicos na produção, (ii) internacionalização, tratada aqui como circulação externa e não como "selo de qualidade", e (iii) liderança, como proxy de centralidade e capacidade de conduzir agendas, redes e posições institucionais.

Figura 5 | Indicadores sintéticos de territorialização, internacionalização e liderança por pesquisadora.



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2026).

As estatísticas descritivas dos indicadores são apresentadas na Tabela 1, subdividida nos painéis A e B.

Tabela 1 | Estatísticas descritivas dos indicadores

Painel A – Estatísticas gerais dos quatro casos

Indicador	N	Média	Mediana	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Amplitude
Territorialização	4	0,833	0,835	0,097	0,720	0,940	0,220
Internacionalização	4	0,393	0,415	0,136	0,220	0,520	0,300
Liderança	4	0,815	0,830	0,100	0,690	0,910	0,220

Painel B – Médias segundo origem e campo disciplinar

Dimensão comparativa	Grupo	N	Territorialização	Internacionalização	Liderança
Origem	Amazônida	2	0,910	0,285	0,735
Origem	Migrante	2	0,755	0,500	0,895
Campo	Administração	2	0,835	0,415	0,845
Campo	Interdisciplinar	2	0,830	0,370	0,785

Fonte: elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa (2026).

Nota: o desvio-padrão apresentado no Painel A foi calculado pela fórmula amostral. Os resultados dos subgrupos possuem caráter exclusivamente descritivo, considerando dois casos em cada categoria.

A Tabela 1 apresenta as estatísticas descritivas dos indicadores sintéticos utilizados para comparar as quatro trajetórias científicas. A territorialização alcançou a maior média do conjunto, com 0,833, seguida pela liderança, com 0,815, enquanto a internacionalização apresentou média consideravelmente menor, de 0,393. As medianas próximas das médias nos indicadores de territorialização e liderança indicaram relativa estabilidade desses atributos entre os casos, embora tenham sido observadas configurações individuais distintas. A internacionalização apresentou o maior desvio-padrão, de 0,136, e a maior amplitude, de 0,300, revelando ser a dimensão mais heterogênea entre as pesquisadoras. Esse resultado reforçou que a inserção territorial esteve presente de maneira mais consistente no conjunto das trajetórias, enquanto a circulação ampliada ocorreu por caminhos mais diferenciados.

A comparação por origem mostrou que as pesquisadoras classificadas como amazônidas apresentaram maior territorialização média, de 0,910, em contraste com 0,755 entre as migrantes. O sentido do resultado se inverteu nos outros indicadores, uma vez que o grupo migrante alcançou médias superiores de internacionalização, 0,500, e liderança, 0,895, diante de 0,285 e 0,735, respectivamente, no grupo amazônida. Embora o número reduzido de casos não permita inferências estatísticas ou

generalizações populacionais, os resultados mostram que, no conjunto analisado, maior territorialização não esteve necessariamente acompanhada por maior internacionalização ou liderança. O contraste possui caráter exclusivamente descritivo e indica configurações distintas entre as três dimensões, sem permitir estabelecer relações causais entre trajetória territorial, circulação externa e centralidade institucional.

As diferenças por campo disciplinar foram menos acentuadas. Administração e interdisciplinaridade apresentaram médias praticamente equivalentes de territorialização, de 0,835 e 0,830, respectivamente. O campo da Administração registrou valores moderadamente superiores de internacionalização, 0,415, e liderança, 0,845, quando comparado ao campo interdisciplinar, com 0,370 e 0,785. No conjunto analisado, os contrastes numéricos entre as categorias de trajetória territorial foram mais acentuados do que aqueles observados entre os campos disciplinares. Considerando que cada grupo foi composto por apenas dois casos, o resultado não permite atribuir capacidade explicativa independente à trajetória territorial ou ao campo disciplinar. A comparação teve caráter descritivo e foi utilizada para identificar recorrências e variações entre casos teoricamente selecionados. Essa leitura converge com a opção metodológica pela replicação analítica, que considera a interação entre trajetória, território, campo e posição institucional, em vez de atribuir os resultados a uma única variável explicativa.

Nilsa Brito Ribeiro apresentou o maior índice de territorialização do conjunto, com 0,94, e os menores índices de internacionalização e liderança, com 0,22 e 0,69, respectivamente. No conjunto analisado, esse perfil indica forte presença de marcadores territoriais associada a menor circulação internacional e liderança relativa. À luz do referencial adotado, o caso permite discutir tensões entre territorialização e regimes ampliados de validação, sem que os indicadores permitam mensurar diretamente fricções epistêmicas ou relevância social local (Quijano, 2000; Santos, 2014; Lugones, 2007).

Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos apresentou índice de territorialização de 0,88, internacionalização de 0,35 e liderança de 0,78. Comparativamente, sua trajetória combinou forte presença de marcadores amazônicos com valores menos elevados de circulação internacional e liderança em relação aos maiores índices observados no conjunto. Essa configuração permite discutir como uma agenda territorial pode permanecer substantiva mesmo quando a produção transita por arenas ampliadas de avaliação e circulação.

Mariluce Paes de Souza apresentou índice de territorialização de 0,79, internacionalização de 0,48 e o maior índice de liderança do conjunto, com 0,91. Essa configuração reuniu presença expressiva de marcadores territoriais, circulação internacional relativamente elevada e maior liderança comparativa entre os quatro casos. O arranjo é analiticamente relevante porque aproxima, num mesmo caso, densidade territorial e elevada capacidade de liderança e circulação. No enquadramento do artigo, isso ajuda a explorar como, neste caso, uma agenda territorial coexistiu com centralidade institucional e redes ampliadas, sem necessariamente abandonar o território como objeto. Também é um ponto de apoio para discutir como a liderança pode exigir navegação intensiva por estruturas organizacionais que não são neutras, mesmo quando o resultado final sugere êxito (Acker, 1990; Cotter et al., 2001).

Tânia Suely Azevedo Brasileiro apresentou o menor índice de territorialização do conjunto, com 0,72, o maior índice de internacionalização, com 0,52, e índice de liderança de 0,88. Essa configuração indica que, no caso analisado, maior circulação internacional coexistiu com menor presença explícita de marcadores territoriais no corpus. O resultado permite formular, como hipótese interpretativa, que agendas de circulação ampliada podem apresentar menor explicitação lexical do território. Os dados documentais, contudo, não permitem determinar se esse padrão decorreu de exigências editoriais, escolhas temáticas, características dos veículos ou outros fatores institucionais.

Esse padrão é compatível, como leitura teórica inicial, com a ideia de que trajetórias podem se diferenciar pela forma como acessam circuitos de validação e redes de circulação, sem que isso signifique superioridade acadêmica intrínseca. No vocabulário decolonial, trata-se de observar como a autoridade epistêmica é distribuída e convertida em reconhecimento, e como o território pode ser mantido como centro do problema ou ser traduzido para caber em regimes de avaliação dominantes (Quijano, 2000; Mignolo, 2011; Santos, 2014).

No vocabulário organizacional, trata-se de lembrar que liderança e centralidade são resultados atravessados por filtros institucionais, e não meros efeitos de mérito, sobretudo em sistemas generificados de avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou, em perspectiva comparativa, mecanismos de visibilidade, liderança, circulação e reconhecimento em trajetórias científicas femininas consolidadas na Amazônia, articulando condicionantes macroestruturais (geopolítica do conhecimento e regimes de avaliação) e microinstitucionais (barreiras organizacionais e rotinas acadêmicas).

O desenho 2 × 2 e a lógica de replicação analítica permitiram tratar as trajetórias como evidências de uma ciência situada, sem reduzir o fenômeno a retratos biográficos, e com atenção às variações entre ecologias institucionais e posicionamentos disciplinares.

Os resultados sustentaram três achados integradores. Primeiro, observou-se que a produção científica analisada se manteve fortemente ancorada na Amazônia, ainda que por gramáticas disciplinares distintas, sugerindo que a territorialização do conhecimento pode se expressar como (i) educação/formação e mediações simbólicas, (ii) governança e desenho institucional ou (iii) economia política regional, cadeias produtivas e sustentabilidade. Segundo, as análises lexicais e relacionais indicaram um núcleo temático compartilhado combinado a assinaturas temáticas diferenciadas, o que reforçou a comparabilidade entre casos, mas também evidenciou que o protagonismo científico feminino amazônico não é monolítico: ele se organiza como constelação de agendas que convergem no território, porém divergem na forma de circulação e credenciamento. Terceiro, o painel de indicadores apontou configurações distintas entre territorialização, internacionalização e liderança, mostrando que a presença de agendas territorializadas coexistiu de maneira heterogênea com circulação ampliada e centralidade institucional nos quatro casos analisados.

Um resultado relevante foi a baixa centralidade de marcadores explícitos de gênero nas assinaturas lexicais. Esse achado não implica ausência da dimensão de gênero e tampouco demonstra que os regimes de validação tenham disciplinado diretamente as agendas analisadas. Ele abre, contudo, uma hipótese interpretativa sobre a forma como temas e objetos são apresentados por meio de linguagens disciplinares e institucionalmente reconhecidas. A investigação dessa hipótese exigiria evidências adicionais, como entrevistas, pareceres editoriais ou observação das rotinas institucionais.

Do ponto de vista teórico, a articulação entre colonialidade epistêmica, feminismo decolonial e teto de vidro foi reforçada pela proposta de ler a "distopia" como dispositivo crítico: não como recurso retórico, mas como estratégia para tornar explícitas lógicas que, no cotidiano universitário, aparecem como técnicas, inevitáveis ou "meritocráticas". Nessa chave, o artigo contribuiu ao evidenciar que visibilidade e reconhecimento não decorrem automaticamente de produção, mas de infraestruturas simbólicas e institucionais que regulam circulação, credenciamento, centralidade em redes e acesso a posições de liderança.

Cabe ressaltar que o desenho documental não permitiu identificar diretamente experiências de discriminação nem estabelecer relação causal entre gênero e progressão profissional. O teto de vidro foi mobilizado como lente teórica para interpretar possíveis barreiras e assimetrias organizacionais, e não como resultado diretamente mensurado nas quatro trajetórias.

As implicações práticas são diretas para políticas científicas e gestão universitária na região: aprimorar critérios de avaliação para reconhecer impacto territorial e interfaces públicas da ciência; reduzir assimetrias linguísticas e editoriais com estratégias de circulação plurilíngue e fortalecimento de ecossistemas editoriais não hegemônicos; ampliar transparência e equidade na distribuição de encargos, oportunidades e posições de decisão; e sustentar políticas institucionais de reconhecimento que considerem, de modo explícito, como gênero, território e regimes métricos interagem na construção de trajetórias.

Como limitações, o estudo apoiou-se em dados públicos documentais, sujeitos a incompletudes e heterogeneidade de preenchimento; utilizou procedimentos de mineração de texto e indicadores sintéticos que dependem de escolhas de curadoria e regras analíticas; e trabalhou com número reduzido de casos, adequado à generalização analítica, mas insuficiente para extrapolações populacionais. Essas restrições não invalidam os achados; ao contrário, delimitam o alcance interpretativo e reforçam a necessidade de cautela inferencial. Ademais, os indicadores sintéticos expressam julgamento interpretativo de um único pesquisador: embora ancorados em descritores observáveis e triangulados com as evidências lexicais e bibliométricas, não foram submetidos a validação por múltiplos avaliadores, o que recomenda cautela na leitura comparativa dos escores.

Pesquisas futuras podem: (i) expandir a amostra e replicar o desenho comparativo em outras sub-regiões amazônicas; (ii) incorporar entrevistas e observação institucional para captar mecanismos microorganizacionais que não aparecem nos registros documentais; (iii) aprofundar a dimensão interseccional (raça, classe, interiorização) para qualificar a análise da colonialidade de gênero; e (iv) testar robustez dos indicadores com diferentes dicionários, pesos e critérios de normalização. Em síntese, o artigo indicou que "epistemologias da floresta" não designam apenas temas amazônicos, mas sobretudo condições, disputas e mediações pelas quais o conhecimento é produzido, legitimado e reconhecido em um território periférico do Sul Global.

REFERÊNCIAS

ACKER, Joan. Hierarchies, jobs, bodies: A theory of gendered organizations. **Gender & society**, v. 4, n. 2, p. 139-158, 1990. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/089124390004002002. Acesso em: 14 fev. 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BECKER, Bertha K. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005.

CARVALHO, Josué de Lima; NASCIMENTO, Rossiclea Ferreira do; BARROS, Jones Nogueira; VASCONCELLOS SOBRINHO, Mário; ALBUQUERQUE VASCONCELLOS, Ana Maria de. Nem toda sustentabilidade é verde: representações do trabalho feminino na Amazônia pré-COP30. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, *[S. l.]*, v. 36, n. 3, 2025. DOI: 10.31423/oikos.v36i3.22284. Disponível em: https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/22284. Acesso em: 15 fev. 2026.

COSTA, Inara Regina Batista da; BARBOSA, Cristiane de Lima; LIMA, Manuella Dantas Corrêa. Pesquisadoras e empreendedoras conectadas pela ciência e tecnologia na Amazônia. **Cuadernos de Educación y Desarrollo-QUALIS A4**, v. 16, n. 11, p. e6599-e6599, 2024.

COTTER, David A. et al. The glass ceiling effect. **Social forces**, v. 80, n. 2, p. 655-681, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236778636_The_Glass_Ceiling_Effect. Acesso em: 15 fev. 2026.

CRESWELL, John W.; PLANO CLARK, Vicki L. **Designing and Conducting Mixed Methods Research**. 3. ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2018.

CUNHA, Rocelly; DIMENSTEIN, Magda; DANTAS, Candida. Desigualdades de gênero por área de conhecimento na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPq. **Saúde em Debate**, v. 45, p. 83-97, 2021. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/sdeb/2021.v45nspe1/83-97/pt/. Acesso em: 14 fev. 2026.

DONTHU, Naveen et al. How to conduct a bibliometric analysis: An overview and guidelines. **Journal of business research**, v. 133, p. 285-296, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2021.04.070. Acesso em: 10 fev. 2026.

EAGLY, Alice H.; KARAU, Steven J. Role congruity theory of prejudice toward female leaders. **Psychological review**, v. 109, n. 3, p. 573-598, 2002. Disponível em: https://www.women-unlimited.com/wp-content/uploads/prejudice_against_women.pdf. Acesso em: 15 fev. 2026.

EISENHARDT, Kathleen M. Building theories from case study research. **Academy of management review**, v. 14, n. 4, p. 532-550, 1989. Disponível em: https://journals.aom.org/doi/abs/10.5465/AMR.1989.4308385. Acesso em: 12 fev. 2026.

KANTER, Rosabeth Moss. **Men and women of the corporation**. New York: Basic Books, 1977.

KNOBLOCH-WESTERWICK, Silvia; GLYNN, Carroll J.; HUGE, Michael. The Matilda effect in science communication: an experiment on gender bias in publication quality perceptions and collaboration interest. **Science communication**, v. 35, n. 5, p. 603-625, 2013. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1075547012472684?casa_token=Bruku-_nMiIAAAAA%3AgLjwDqNE67Uom5E5lE5-VtTQZK5GJGG1Huz4Zbii2DabFVnjEls2zhZjBpQ4DTikVRHarlHfNqd3_kk. Acesso em: 12 fev. 2026.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Content analysis: an introduction to its methodology**. 4. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2018.

LIMA, Ana. Mulheres que inspiram: descobrindo a invisibilidade feminina na ciência por meio do protagonismo estudantil. **Revista Ceará Científico**, v. 4, n. 6, p. 98-108, 2025. Disponível em: https://periodicos.seduc.ce.gov.br/cearacientifico/article/view/1554. Acesso em: 12 jan. 2026.

LUGONES, Maria. Heterosexualism and the colonial/modern gender system. **Hypatia**, v. 22, n. 1, p. 186-209, 2007. Disponível em: https://docs.enriquedussel.com/txt/Textos_200_Obras/Filosofos_latinos_EU/Heterosexualism-Maria_Lugones.pdf. Acesso em: 18 jan. 2026.

MANAN, Muhammad Romail et al. Diversity, equity, and inclusion on editorial boards of global health journals. **Asian Bioethics Review**, v. 15, n. 3, p. 209-239, 2023. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s41649-023-00243-8. Acesso em: 15 fev. 2026.

MIGNOLO, Walter D. Epistemic disobedience, independent thought and decolonial freedom. **Theory, Culture & Society**, v. 26, n. 7-8, p. 159-181, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1177/0263276409349275. Acesso em: 02 fev. 2026.

MIGNOLO, Walter D. **The darker side of western modernity: Global futures, decolonial options**. Durham: Duke University Press, 2011.

MOHANTY, Chandra. Under Western eyes: Feminist scholarship and colonial discourses. **Feminist review**, v. 30, n. 1, p. 61-88, 1988.

MURIC, Goran; LERMAN, Kristina; FERRARA, Emilio. Gender disparity in the authorship of biomedical research publications during the COVID-19 pandemic: retrospective observational study. **Journal of Medical Internet Research**, v. 23, n. 4, e25379, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.2196/25379. Acesso em: 10 jul. 2026.

NAIDU, Thirusha et al. Shapeshifters: Global South scholars and their tensions in border-crossing to Global North journals. **BMJ Global Health**, v. 9, n. 4, 2024. Disponível em: https://gh.bmj.com/content/9/4/e014420. Acesso em: 14 fev. 2026.

NEUENDORF, Kimberly A. **The content analysis guidebook**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2017.

OLIVEIRA, Amurabi et al. Gênero e desigualdade na academia brasileira: uma análise a partir dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq. **Configurações. Revista Ciências Sociais**, n. 27, p. 75-93, 2021. Disponível em: https://journals.openedition.org/configuracoes/11979. Acesso em: 15 fev. 2026.

OLIVEIRA, Ana Maria Libório et al. Uma nova percepeção [sic] geopolítica para Amazonia no século XXI. **Revista Geopolítica Transfronteiriça**, v. 7, n. 1, p. 38-64, 2023. Disponível em: https://periodicos.uea.edu.br/index.php/revistageotransfronteirica/article/view/2810. Acesso em: 12 jan. 2026.

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative research & evaluation methods: integrating theory and practice**. 4. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2015.

PENG, Hao et al. The gender gap in scholarly self-promotion on social media. **Nature Communications**, v. 16, n. 1, p. 5552, 2025. Disponível em: https://www.nature.com/articles/s41467-025-60590-y. Acesso em: 12 fev. 2026.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality of power, Eurocentrism, and Latin America. **Nepantla: Views from South**, v. 1, n. 3, p. 533-580, 2000.

ROLIM, Dalvina Teixeira; SILVA, Iolete Ribeiro da; BRITO, Orleans dos Santos. Mulheres, protagonismo, lutas e resistências no cenário brasileiro: perspectivas sobre a Amazônia. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, *[S. l.]*, v. 10, p. e19766, 2025. DOI: 10.70860/ufnt.rbec.e19766. Disponível em: https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/campo/article/view/19766. Acesso em: 15 jan. 2026.

ROSSITER, Margaret W. The Matthew Matilda effect in science. **Social studies of science**, v. 23, n. 2, p. 325-341, 1993. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/030631293023002004. Acesso em: 12 fev. 2026.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Editora Garamond, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologies of the South**: Justice Against Epistemicide. Boulder: Paradigm Publishers, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEN, Amartya. **Development as Freedom**. New York: Alfred A. Knopf, 1999.

SNIJDER, Ronald; KINGSLEY, Danny. Research assessment systems and the effects of publication language: manifestations in the Directory of Open Access Books. **The Journal of Electronic Publishing**, v. 27, n. 1, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.3998/jep.4847. Acesso em: 15 fev. 2026.

SONG, Yunya; WANG, Xiaohui; LI, Guanrong. Can social media combat gender inequalities in academia? Measuring the prevalence of the Matilda effect in communication. **Journal of computer-mediated Communication**, v. 29, n. 1, p. zmad050, 2024. Disponível em: https://academic.oup.com/jcmc/article/29/1/zmad050/7596748. Acesso em: 16 fev. 2026.

SOUSA, Hillana Vinhales. **Feminismo e ciências: a importância das mulheres nas ciências por um olhar de professores (as) que atuam em escolas públicas em contexto amazônico**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências: Biologia e Química – Licenciatura) – Instituto de Natureza e Cultura, Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant, 2024. Disponível em: http://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/9102. Acesso em: 15 jan. 2026.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2018.

ZUPIC, Ivan; ČATER, Tomaž. Bibliometric methods in management and organization. **Organizational research methods**, v. 18, n. 3, p. 429-472, 2015. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1094428114562629?casa_token=w59XFLuEEaoAAAAA%3A2qu7yESU1fnGbBbaQfedFA_UTLAZyB2xmNLB6Kr598NL9uN7Om4znIcmFqsQTqnzBMfB5jsHx0bOpgk. Acesso em: 10 fev. 2026.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



fapeti

FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO





UNITAU

Universidade de Taubaté